



Conhecimento agroecológico: entre resistências e subordinações *Knowledge agroecological: between resistance and subordination*

MARCATTI, Amanda Aparecida¹; MARCATTI, Bruna Aparecida²; SOUZA, Wanessa Alves Pereira de³

¹ UFVJM, amanda.marcatti@ufvjm.edu.br; ² Extensionista Rural, brunaapmarcatti@gmail.com;

³ Extensionista Rural, wanessaagroeco@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: A agroecologia vem ganhando corpo no território latino-americano como um paradigma de superação à agricultura capitalista. Portanto, objetivamos discutir os limites e as potencialidades da agroecologia se efetivar como uma matriz produtiva de alimentos e conhecimentos para além do capital, a partir da análise das categorias trabalho, formação e emancipação humana. Para tanto, entrevistamos quatro agricultores agroecológicos, somadas às observações participantes realizadas no IV Encontro Nacional de Agroecologia, no X Congresso Brasileiro de Agroecologia e no Acampamento Maria da Conceição. Consideramos que a solidificação da agroecologia como novo paradigma agrícola está diretamente vinculado à possibilidade de suplantar a falha metabólica oriunda da agricultura capitalista. Por fim, concluímos que a agroecologia é um processo em movimento, que envolve resistências, formações, conhecimentos e reconexões entre a humanidade e a natureza, podendo nos abastecer de novas rotas e caminhos societários.

Palavras-chave: formação; trabalho; emancipação humana.

Introdução

No final da década de 1950 foram introduzidas, nos países de clima subtropical da América Latina, tecnologias de modernização da agricultura. Estas tecnologias agrícolas conformaram um novo modelo de produção para o campo - a chamada Revolução Verde. No caso brasileiro, a Revolução Verde foi introduzida no campo pelas mãos do Estado, sobre a ação violenta dos governos Militares. Desse modo, compartilhamos da síntese que a Revolução Verde representou o processo de modernização conservadora do campo, ao ter como alicerce a manutenção do latifúndio. De modo que, o seu processo de implementação não só aumentou a produtividade agrícola como também acentuou a característica desigual e excludente da estrutura agrária brasileira, posteriormente agravada pelo Agronegócio (Martins, 1979).

Como resposta ao desenvolvimento da agricultura capitalista e suas mazelas socioambientais, surgiram, em meados da década de 1970, diversos movimentos ecológicos de cunho contestatório ao pacote tecnológico da Revolução Verde. Esses movimentos pretendiam, além de denunciar a destruição ambiental causada pelos impactos da agricultura convencional, anunciar a possibilidade de uma nova agricultura de base ecológica, através da consolidação de tecnologias alternativas à Revolução Verde.



A constituição da Agricultura Alternativa no Brasil influenciou muitos profissionais, agricultores, estudantes e pesquisadores, abrindo caminhos, na década de 1990, para a gestação da agroecologia. Nesse cenário, a agroecologia vem ganhando corpo no território latino-americano, como ciência, como matriz produtiva e como movimento social que busca, no cultivo da autonomia alimentar, a superação do agronegócio como paradigma hegemônico, dispondo dos conhecimentos tradicionais dos camponeses, das pesquisas científicas e das lutas sociais (Costa, 2017).

Portanto, compreendemos que a práxis agroecológica nos possibilita um diálogo potente com as problemáticas de nosso tempo histórico. Como superar a crise socioambiental gestada pela sociabilidade capitalista? Como reconstituir os ecossistemas degradados pela ação predatória do latifúndio e do agronegócio em séculos de exploração? Como produzir alimentos em uma escala compatível com as necessidades humanas, a partir da agroecologia? Como romper com os mecanismos de dependência interna se a economia nacional está assentada sob a exportação de commodities?

Ao levantarmos essas questões nos deparamos com problemas reais da transição agroecológica. Indicando que, para a concretização da transição agroecológica, não basta somente modificar as técnicas de produção, também é preciso construir caminhos formativos e educativos que envolvam a mudança e assimilação do modo produtivo do agronegócio para o agroecológico. Para exemplificar, basta nos lembrarmos das propagandas veiculadas pela mídia, “agro é tec”, “agro é pop”, “agro é tudo”, “agro: a indústria e riqueza do Brasil”. A ideia difundida por este *slogan* traduz a hegemonia produtiva do agronegócio, consolidada no campo material e ideológico da sociedade brasileira, que mascara a realidade do conflito agrário no Brasil, associando a agricultura camponesa e o agronegócio como um projeto comum de campo.

Diante do exposto, podemos afirmar que todo processo de transformação deve envolver condições objetivas e subjetivas, sendo a formação e/ou a descolonização da mente e das práticas produtivas um fazer contínuo e necessário nessa transição. Do contrário, os trabalhadores do campo continuarão reproduzindo a agricultura convencional, idealizada em suas pequenas propriedades como “agronegocinho”.

Neste contexto, durante o período de 2016 a 2020 como parte do percurso do doutorado em Educação e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG, realizamos um processo investigativo da práxis agroecológica a partir da análise das categorias: trabalho, formação e emancipação humana. O objetivo foi de discutir os limites e as potencialidades da agroecologia se efetivar como uma matriz produtiva de alimentos e conhecimentos, para além do capital. Para tanto, entrevistamos quatro agricultores agroecológicos de diferentes organizações agroecológicas, somadas às observações de participantes realizadas no IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), no X Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) e no



Acampamento "Maria da Conceição", vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Portanto, durante os 4 anos de realização desta pesquisa, buscamos participar, construir e analisar a produção do conhecimento agroecológico a partir do encontro do diálogo de saberes que ocorreram nas ações de ensino, pesquisa, extensão em agroecologia, na prática de produção agroecológica e na articulação com as lutas sociais, que buscam reconstruir a relação sinérgica entre a humanidade e a natureza.

Metodologia

Falar sobre o caminho percorrido nem sempre é uma tarefa fácil, pois vivenciamos o conflito entre o percurso de pesquisa que traçamos idealmente e o movimento que se realizou na prática. Dessa maneira, consideramos que fazer pesquisa tendo como princípio metodológico a contradição é um exercício contínuo de inventário entre o concreto vivido e reinterpretado. Logo, compartilhamos como pressuposto teórico desta pesquisa, a concepção da agroecologia fundamentada sobre o tripé da ciência, das práticas e das lutas sociais:

Agroecologia como ciência, movimento político e prática social, portadora de um enfoque científico, teórico, prático e metodológico que articula diferentes áreas do conhecimento de forma transdisciplinar e sistêmica, orientada a desenvolver sistemas agroalimentares sustentáveis em todas as suas dimensões (ABA, 2015, p. 01).

Essa definição explicita as múltiplas dimensões conceituais e práticas da agroecologia em seu processo histórico de construção. Nesse contexto, a fim de respondermos à questão central dessa pesquisa, buscamos matizar a práxis agroecológica em processos coletivos, realizando entrevistas e observações sistemáticas. A partir das categorias: trabalho, formação e emancipação humana, buscamos compreender o movimento de constituição da agroecologia, tendo na práxis agroecológica o pressuposto empírico da pesquisa, conforme roteiro de atividades apresentado a seguir: participação e observação sistemática do X Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), realizado em Brasília no ano de 2017; participação e observação sistemática no IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), realizado em Belo Horizonte no ano de 2018; vivência no Acampamento Maria da Conceição vinculado ao MST de Minas Gerais, durante ano de 2018; realização de entrevistas aberta com quatro agricultores participantes do IV ENA; roda de conversa com educadores e moradores do Acampamento Maria da Conceição. Desse modo, as três categorias de análise (trabalho, formação e emancipação humana) nortearam a realização das entrevistas e o exame dos dados. A escolha dos entrevistados se deu pelo nível de inserção e participação na construção do X CBA, do IV ENA e no Acampamento Maria da Conceição. Buscamos abarcar diferentes perfis, incluindo os critérios de gênero, territorialidade, idade e escolarização para a escolha dos entrevistados. Uma característica comum



de todos os entrevistados, é que por diferentes motivos, todos foram obrigados a migrar e abandonar a vida no campo, tendo retornado posteriormente em processos coletivos de luta pela terra impulsionados por diferentes organizações sociais como o MST, Comissão Pastoral da Terra, Marcha Mundial das Mulheres e sindicatos de trabalhadores rurais. Outro traço comum observado entres os entrevistados foi a escolarização inconclusa e/ou realizada de forma fragmentada ao longo da vida.

Resultados e Discussão

Tendo em vista o objetivo da pesquisa “discutir os limites e as potencialidades da agroecologia se efetivar como uma matriz produtiva de alimentos e conhecimentos para além do capital” através da investigação da práxis agroecológica, apresentamos os resultados e as discussões da pesquisa, com base na análise e discussão das categorias trabalho, formação e emancipação humana.

Trabalho

Partindo da concepção filosófica da categoria trabalho, consideramos o mesmo como a atividade essencial da formação e da realização humana, sendo o trabalho a ação transformadora da natureza e do ser social que o concretiza. Sobre esta perspectiva marxista da categoria, consideramos que o trabalho desenvolvido na produção agroecológica de alimentos e conhecimento tem buscado, superar a alienação do trabalho característica da produção capitalista, como podemos observar no trecho da entrevista abaixo, concedida pelo agricultor agroecológico vinculado a CPT, ao ser indagado sobre o significado do seu trabalho:

Sem agricultor não tem agroecologia, não é mesmo? Eu vi um monte de frase assim: não existe agroecologia sem juventude, não existe agroecologia sem feminismo. Mas eu não vi o principal, que sem o agricultor não tem agroecologia. Não existe mesmo. Se nós pararmos lá no campo, morreu o planeta... Morreu o planeta. Se tudo o que dizem, que setenta por cento que vai para a mesa do cidadão brasileiro, é produzido por nós, da agricultura familiar. Significa dizer, se nós, da agricultura familiar pararmos de trabalhar... Morreu. Porque somos nós que estamos em contato direto com terra, somos nós... (GIOVANI, 2018 apud MARCATTI, 2020, p.154).

No decorrer da pesquisa constatamos que os agricultores agroecológicos compreendem a relevância social do seu trabalho e que mesmo diante das dificuldades econômicas enfrentadas para manutenção da produção agroecológica, eles expressavam de forma objetiva possuírem maior qualidade de vida, quando comparado a outros trabalhos desenvolvidos no campo. Sendo o vínculo com a terra, a autonomia no trabalho e a produção de alimentos saudáveis, os principais motivos para a satisfação e realização do trabalho agroecológico.

Formação

Os desafios são muitos, nossa, esses são vários... São muitos mesmo! Falando em agroecologia e desse tradicional, tem quem não acredita na



gente, tem preconceito, tem pessoas que preferem buscar lá na loja seu defensivo agrícola, seu veneno do que ouvir sobre o que a gente fala do plantio adequado, o manejo certo com solo, com as plantas. A gente ainda tem que ter uma conquista do coração e da mente. Por isso a troca é muito importante, pra esse processo de convencimento. Porque quando a pessoa vê que dá certo, ela acredita que é possível fazer diferente, que dá para mudar o jeito de plantar, o jeito de tratar a doença e que nem para tudo precisa de remédio, eu mesma se tivesse sozinha eu não ia acreditar nisso, você sabe né Amanda? (RITA, 2018 apud MARCATTI, 2020, p.162).

A agricultora entrevistada traz para a práxis agroecológica a centralidade da categoria formação. Tanto na perspectiva das trocas de saberes entre os agricultores, quanto na perspectiva da formação política e organizativa, em suas palavras, para a “conquista do coração e da mente” das pessoas, corroborando com a nossa defesa, de que é fundamental para a transição agroecológica dos agroecossistemas, a formação permanente dos sujeitos e organizações sociais envolvidas no processo. Assim, compreendemos no decorrer da pesquisa que a formação em agroecologia deve ter elementos das experimentações, das trocas de saberes, das vivências de campo e, também, da utopia, conectando as necessidades concretas do hoje ao imaginário coletivo de transformação social.

Emancipação Humana

Apontamos a emancipação humana como a construção de uma sociabilidade que se põe além do capital, restaurando a relação de sinergia entre a natureza e a humanidade a partir das práticas coletivas, que buscam garantir os direitos sociais de acesso à terra, trabalho, educação, saúde, moradia e alimentação saudável, mas que também busque superar a destruição socioambiental gerada pela produção capitalista. Desse modo, quando perguntamos a uma agricultora do Acampamento Maria da Conceição sobre as atividades desenvolvidas pelo setor de produção do acampamento e porque o MST tem buscado construir a agroecologia, ela compartilha a seguinte resposta:

É sempre com a agroecologia, Amanda, para a gente começar a avançar na produção e tentar derrubar um pouco esse agronegócio. Eu sei que a gente não vai conseguir de uma vez, mas aos poucos a gente consegue sim derrubar o agronegócio, e sempre com a agroecologia e com o nosso trabalho junto, no setor, no armazém. Porque assim, eu mesma não sabia, tenho 29 anos e não sabia que ainda aos 29 anos eu ainda consumo veneno. (...) Você sabe, que assim o movimento trouxe assim, junto com a agroecologia, uma expectativa de vida melhor, e uma soberania, que nós decidimos o que a gente quer comer e o que a gente quer plantar e como vamos viver (ÂNGELA, 2018 apud MARCATTI, 2020, p.166).

A agricultora expõe, com simplicidade e complexidade, a dimensão resiliente da agroecologia erguida desde a luta pelo direito à terra. Em seu relato, estão presentes as dimensões da formação, da organização política, da modificação das relações de trabalho e, sobretudo, da autonomia. Apontando que o processo da produção agroecológica além de possibilitar a soberania alimentar dos agricultores,



tem contribuindo para a gestão de um novo bem viver, construindo gradualmente como uma possibilidade não só da emancipação política, mas também da emancipação humana, indicando novas rotas de reconexão entre a humanidade e a natureza.

Conclusões

Os resultados da pesquisa demonstram que o conhecimento agroecológico não envolve somente a modificação das técnicas de produção. Todo o processo de transformação abarca a construção de caminhos formativos e educativos que envolvem a mudança e assimilação do modelo produtivo do agronegócio para o agroecológico, sendo a formação, a descolonização das práticas produtivas e do imaginário social um fazer contínuo e necessário à essa transição. Assim, os problemas colocados para a transição agroecológica perpassam também a dimensão da formação humana e a transformação das relações sociais de trabalho. Portanto, consideramos que a solidificação da agroecologia como novo paradigma agrícola está diretamente vinculado à possibilidade da práxis agroecológica suplantando a falha metabólica oriunda da agricultura capitalista. Entretanto, em muitos casos a agroecologia tem se limitado à produção e ao consumo de alimentos orgânicos, tornando-se uma “alternativa verde” ao mercado e às problemáticas ecológicas do capitalismo. De outro modo, as vivências ao longo da pesquisa demonstraram que o conhecimento agroecológico não é um todo homogêneo, pelo contrário, a diversidade de perspectivas e práticas agroecológicas marca simultaneamente as potencialidades e subordinações desse paradigma. Por fim, concluímos que a agroecologia é um processo em movimento, que envolve resistências, práticas educativas e reconexões entre a humanidade e a natureza, podendo nos abastecer de novas rotas e caminhos societários.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA – ABA. **Estatuto da Associação Brasileira de Agroecologia - ABA - agroecologia**, Belém, 2015. Disponível em: <http://aba-agroecologia.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2013/06/estatuto-ABA-2015.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.

COSTA, Manoel B. B. da. **Agroecologia no Brasil: história, princípios e práticas**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MARCATTI, Amanda A. **Formação e educação na agroecologia: entre resistências e subordinações**. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/46486>. Acesso: 11 jul. 2023.

MARTINS, J. de S. É. **O cativo da Terra**. São Paulo: Hucitec, 1979.